

CRÍTICA GENÉTICA: DO MANUSCRITO AO VIRTUAL

Eleonora Campos Teixeira

Mestranda em Cognição e linguagem pela UENF; Especialista em Literatura Brasileira (PUC); Professora de Língua Portuguesa da Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC); norinhatli@yahoo.com.br

Marco Antônio Coelho

Mestrando em cognição e Linguagem (UENF). Especialista em Designer Instrucional para EAD virtual (UNIFEI). Graduado em Sistemas de Informação (UEMG); Docência no Ensino Superior (UNIG). Professor de Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas à Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais; maredumig@gmail.com

Lenise Ribeiro Dutra

Mestrado em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2004); Especialização em Letras Faculdade de Filosofia de Itaperuna, FAFITA(1986). Dutra@yahoo.com.br

Orientador: *Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza*

Doutorado em Comunicação e Mídia (UFRJ). Mestrado em Educação, Licenciado em Pedagogia. Professor Associado (UENF). Atual Coordenador da Pós Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Cognição e Linguagem (PGCL / UENF); chmsouza@gmail.com

Co-orientador: *Dr. Pedro Lyra*

Pós-doutorado em Tradução Poética – Sorbonne ; Professor titular de Poética na Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF); pedrowlyra@hotmail.com

I - Resumo

A Crítica Genética é o foco do presente trabalho, ciência que tem como principal objetivo analisar a origem e transformações de uma obra literária. Fazer crítica genética consiste na apreciação de uma obra em seu processo criador. A análise de manuscrito e rascunhos, de forma meticulosa, pois são estes os objetos mais importantes de estudo do geneticista, tem como objetivo alargar, aprofundar o olhar. Enfatizamos a preocupação com estudos futuros de crítica genética, já que a era virtual ameaça a existência do manuscrito.

Criticaremos o “*Soneto de Constatação VI*” do poeta cearense Pedro Lyra de sob a ótica estilística, psicanalítica, filológica. Autores como SALLES (2002), WILLEMART (2005), serão aqui mencionados com um suporte teórico.

Palavras-chaves: Crítica Genética; manuscrito; rascunhos.

Abstract

The Genetic Criticism is the focus of the present work, science that has as main objective to analyze the origin and transformations of a literary work. Do genetic criticism consists in the appreciation of the work on his creative process. The analysis of handwriting and sketches, meticulously, as these are the most important objects of study of the geneticist, aims to broaden, deepen the look. We emphasize the concern for future studies of genetic criticism, since the virtual era threatens the existence of the manuscript.

We will criticize the "Constation Sonnet VI" of the poet from Ceará, Pedro Lyra, from the perspective of style, psychoanalytic, philological. Authors like SALLES (2002), WILLEMART (2005), are mentioned here with a theoretical support.

Keywords: Genetic Critic; manuscript ; drafts

II – Metodologia

Para a elaboração deste trabalho, optamos pela pesquisa de natureza qualitativa, já que está sendo desenvolvida a partir de um problema, onde podemos realizar um estudo tanto de caráter biográfico quanto de interpretação, análise teórica e ideias de escritores, assim como a relação entre o mundo real e o sujeito. Do ponto de vista de procedimentos teóricos, é considerada uma pesquisa bibliográfica, já que foi elaborada a partir da leitura e análise de livros, artigos e material disponibilizado na Internet. Será realizado um questionário, onde oportunamente os alunos de graduação do curso de Letras do Centro Universitário Fluminense – UNIFLU/FAFIC responderão, a respeito do hábito ou não de leitura e a importância do veículo que mais utilizam para leitura: virtual ou impresso. Foi realizado um questionário na rede social “FACEBOOK” onde os usuários puderam responder a perguntas referentes ao tipo de suporte mais usado como leitura (impresso ou virtual), a quantidade de livros lidos em um ano, tempo dedicado à leitura, além de maiores barreiras para que ocorra a frequência da leitura. Com base nesse questionamento, teremos material que nos permitirá analisar se o livro impresso corre risco de cair em desuso e se o crítico genético apenas terá como material de trabalho, textos manuscritos do passado, já que o indivíduo pós-moderno não fará mais uso de texto manuscrito.

III - Desenvolvimento

1. História genética

Os estudos genéticos surgiram na França em 1968 com Louis Hay e Almuth Grésillon, que faziam um estudo da obra do poeta alemão Heinrich Heine. No Brasil ela só surgiria mais tarde, em 1985, com o “I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno de Philippe Willemart”. Um percurso pela história nos mostra que muitos pensadores a exerceram sem saber, quando faziam relevantes estudos sobre a natureza de uma obra. Como diz SALLES (2008, p. 10) : *“Como estamos lidando com uma nova abordagem para a obra de arte, acredito que temos de ser muito rigorosos no que diz respeito à sua definição, para não estarmos dando à luz uma crítica que já nasce para ser criticada por suas fronteiras nebulosas.”*

Ao analisarmos o processo evolutivo dos estudos críticos, vemos como é fascinante o inusitado caminho percorrido por alguém que tenta conhecer integralmente uma obra desde a primeira rasura. Junto a esse interesse, enfrentamos a questão da preservação das obras literárias, do esforço dos escritores em fazer obra imortal, e nada torna uma obra mais viva do que estudar sua origem, seus percursos e percalços até a publicação e, algumas vezes, ou senão na maioria das vezes, em nosso século, a sua divulgação por meio da virtualidade. O conhecimento dos resultados é indescritível, porém o estudo do processo de realização da obra tem sempre primazia. O estudo literário passa a ser visto como o estudo do processo de construção de uma obra.

Quando a obra criticada é um poema, o geneticista tem um trabalho ainda mais complexo, já que lida profundamente com a percepção do momento da criação e todos os aspectos que envolveram as transformações ocorridas até que o autor desse a obra por concluída. A exemplo disso, incluirei um trecho do trabalho como geneticista sobre o “Soneto de Constatação-VI”, do poeta cearense Pedro Lyra, no livro Desafio – Uma poética do amor:

Na 6ª linha, o poeta escreveu na redação original:

girando no subúrbio do universo.

Numa primeira rasura, ele emendou:

...a rolar nos subúrbios do universo,

O verbo no infinitivo “rolar”, substituiu o verbo no gerúndio “girando”, dando-nos a ideia de que o planeta Terra gira num espaço menos importante do cosmos. Mais tarde, numa nova emenda conforme a primeira datilografia retocada, o poeta refaz o verso:

nos largando nos subúrbios do universo,
para só então concluir, na versão que seria a definitiva:
nos largando aos subúrbios do universo.

Por razão métrica (o verso contava 11 sílabas), a preposição por contração “nos” é substituída pela preposição “aos”, que elimina a sílaba excedente pela elisão com a palavra anterior (“largando”), terminada em vogal átona. Além disso, o poeta talvez não tenha querido a repetição do vocábulo “nos”, com classe gramatical diferente, já que no início do verso aparece como um pronome pessoal oblíquo, bem como por talvez não conseguir a sonoridade desejada.

Percebemos que o escritor faz rasuras na construção do seu texto, substituindo termos de forma a encontrar aquele que verbaliza exatamente o que quer dizer. As várias substituições feitas pelo autor demonstram a busca por encontrar a palavra que melhor expresse o pensamento.

Ao fazer crítica genética, é como se o geneticista dialogasse com os sentimentos do autor. Impossível não se envolver com a obra e despertar no estudioso um sentimento profundo que se transforma em admiração. Na medida em que acompanhamos o ato criador, pesquisamos, buscamos conhecer a obra na essência, quase que por algum momento nos consideremos co-autores quando registramos o que o autor disse ou deixou subentendido. Embora não seja esse o papel do geneticista, isso se torna inevitável.

Com a evolução dos estudos e das práticas genéticas, todos os documentos e objetos que ajudaram na construção da crítica desenvolvida, que antes se intitulavam apenas como “manuscritos”, passaram a se chamar “documentos de processo”. O estudioso utiliza-se agora não tão somente de manuscritos, mas também de reedições, gravações, vídeos, de qualquer material que possibilite a exploração do texto a ser elucidado.

No caso do material para minha pesquisa de dissertação, lancei mão de manuscritos do grande poeta Pedro Lyra, que compreendia desde guardanapos a cartelas de bingos, além de maravilhosas anotações sobre seu estado de espírito, assim como cigarros consumidos e doses de whisky, vinho ou cerveja. Isso comprova o quão ligado à sua obra o autor está. A escritura de seus sonetos não se distancia da sua vida cotidiana, a inspiração pode surgir em qualquer momento do seu dia ou em qualquer lugar onde esteja. Sua inspiração está presente nos momentos mais intensos e íntimos como relata LYRA, (Desafio, 3ª edição, p. 316) no depoimento sobre a gênese do livro:

Um dia – só para provocar a minha face mais frustrada: a do jogador que nunca fui – fui a um cassino, com uma bela garota alentejana. Inês – tinha que ser logo uma Inês, sendo eu um Pedro, e em Portugal! Fizemos um caixa único. De cara, bati um bingo: 200 dólares. Na mesma noite, larguei o apartamento pelo hotel onde ela estava hospedada. Dias depois, numa espetacular batida acumulada à bola 44, com as últimas cinco saindo em seguida, ela arrebatou um outro, em torno de US\$ 1.000. Outras batidas e cravadas, ao longo de três meses – e ganhamos mais uns US\$ 3.000. Compramos um carrinho – e aí foi um delírio além das órbitas. Apesar da mudança radical de situação, eu escrevia – entre um full-hand, um bingo, um pass pair black/28 e um beijo – algum outro soneto: o “Lavragem-VIII” foi escrito com o papel sobre o ventre dela.

Isso ocorre porque um poeta escreve com a alma, ele está continuamente conectado à sua obra e respeita o momento da criação. O mais belo disso tudo é ver a obra nascendo em um momento mais inusitado e que o autor não desobedece ao instinto criador.

1.1 Multidisciplinaridade genética

A partir de meados dos anos 90, cresceu muito o interesse pelos estudos de crítica literária, então um momento interdisciplinar, onde algumas ciências abordaram a questão da genética com propriedade. Pesquisadores se dedicaram efetivamente ao estudo da crítica genética, uma prática científica que está estritamente ligada a diversas áreas como a Linguística, a Psicanálise e a Análise do discurso. É a transdisciplinaridade com a diversidade de teorias que possibilita o conhecimento dos múltiplos ângulos da criação literária.

Todo esse trabalho exige muita dedicação e disciplina. Trilhar um caminho repleto de esboços, rasuras, metamorfoses é muito complexo e exige atenção e percepção minuciosas. Às vezes o geneticista assemelha-se a um arqueólogo ou historiador, quando busca, na genética, a origem da ideia, o surgimento do pensamento para a execução da obra. É magnífico pensar que o pesquisador detém nas mãos um material, algumas vezes de um autor morto, e vai escavando, buscando, descobrindo, pesquisando as raízes.

1.2 Da inspiração à escrita – um processo semiótico

A semiótica, palavra que vem do grego *semeion*, que significa signo, consiste no estudo dos signos e envolve tudo aquilo que vemos, pensamos e imaginamos sobre determinada coisa. O seu estudo aos moldes *peirceano*¹, afirma que todo pensamento se dá em signos, logo esse pensamento é a ampliação da noção de signo e, por consequência, da noção de linguagem.

Os signos usados pelo poeta Pedro Lyra em seu *Soneto de Constatação VI*, permite que se possa fazer um estudo semiótico dos versos, onde signos usados nos possibilitam captar a amplitude da ideia. Percebemos no soneto, que o poeta faz referência à natureza, à origem do homem quando diz:

*“...depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropóides.*

O poeta presenteia o leitor com a possibilidade da análise semiótica onde o verso, faz referência, a teoria evolucionista de Darwin. Foi necessário que se negasse o teocentrismo e se passasse a acreditar no evolucionismo. Aqui, fica evidenciado o valor científico.

Assim, em vários momentos do soneto, é possível fazemos uma leitura semiótica. O geneticista então é levado a analisar a obra agora com valor de signos linguísticos que seria mais uma forma de olhar para o manuscrito.

Toda análise semiótica de um texto, de uma obra, é baseada em uma lógica incerta, já que parte do olhar do crítico, da sua percepção. Podemos caracterizar esse processo como uma busca aventureira por um universo desconhecido. Alguns críticos sentem certa dificuldade em identificar a gênese do texto criticado. Muitos dizem não saber se aquele manuscrito foi mesmo a origem do texto. Daí a importância do trabalho que desenvolvi quando pude ter em mãos o primeiro manuscrito do soneto do poeta Pedro Lyra, fornecido pelo próprio autor, que apresentava rasuras significativas, riscos,

¹ *Charles Sanders Peirce* (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, é considerado o fundador da moderna Semiótica. Graduou-se com louvor pela Universidade de Harvard em química, fez contribuições importantes no campo da Geodésia, Biologia, Psicologia, Matemática, Filosofia. Uma das marcas do pensamento peirceano é a ampliação da noção de signo e, conseqüentemente, da noção de linguagem.

anotações pessoais, alterações, substituições. O texto vinha impregnado com as marcas do autor. Sempre pude senti-lo presente nos documentos que critiquei.

As pesquisas aqui desenvolvidas caminham para uma singularidade do texto. Nenhum outro texto terá o mesmo caminhar, a mesma história sequencial dos acontecimentos que levaram a sua criação, o que torna o ato criador, singular. A análise semiótica nos permite delinear um texto com suas especificidades. O geneticista assemelha-se a um artesão que vai descobrindo, entalhando, fazendo dos signos imagens visíveis conscientes ou inconscientes. Como afirma SALLES (2002):

A criação mostra-se como uma metamorfose contínua. É um percurso feito de formas em seu caráter provisório e precário porque hipotético. O percurso criador é um contínuo processo de transformação buscando a formatação da matéria de uma determinada maneira e com um determinado significado. Processo este que acontece no âmbito de um projeto estético e ético e cujo produto é uma realidade nova.

O processo criativo é algo complexo, já que vai além da vontade do autor, na medida em que a composição só terá sentido se apreciada, lida. Um texto, uma obra, algumas vezes, leva um tempo considerável até que lhe cheguem às palavras certas, até que encontre a medida exata para a sua construção ser considerada pronta, o que nos possibilita analisar as fases dessa escritura. É neste caminho percorrido que se dá a busca pela perfeição, a busca por encontrar a expressão exata. Toda essa preocupação do poeta se encontra em dois aspectos importantes. A satisfação pessoal, que seria a sua primeira necessidade, e a satisfação do leitor, que obterá realização cultural. O escritor só encontrará felicidade plena quando vir seu trabalho reconhecido.

Outro fator relevante para a construção de um autor é o momento em que vive. Os momentos em que vivencia solidão, angústia e tristeza, são os mais propícios às criações significativas. Algumas vezes o sofrimento impulsiona o escritor às mais belas obras. Ele vê nascer da dor, seus pensamentos mais complexos. Na tentativa de se erguer, promove as mais belas criações. Tantos signos desvendados fazem parte de um ajuntamento de emoções, algumas vezes inconscientes, que refletem em sua obra, seus momentos, suas angústias. O trabalho semântico é muito mais complexo que o linguístico. Segundo SALLES (2002) “*A arte é resultado da insatisfação humana.*”

Existem fatos que caracterizam um autor, que só o geneticista percebe ao criticar uma obra. O leitor em sua leitura lúdica, acrítica, não percebe muitas vezes alterações feitas pelo autor, estilos de escrita, opções por formas que mais agradam.

No desenvolvimento do trabalho crítico realizado em “*Não verás país nenhum*” de Ignácio Loyola Brandão, SALLES, (2002), comenta alguns procedimentos de escrita do autor:

Em suas anotações, Loyola afirma que artigos são “desnecessários”. Ele acredita que a supressão de artigos dá “melhor sonoridade e fluência” ao texto. “Estou cortando todos **um** que vejo pela frente, o **um** é desnecessário”. Ou ainda “Esbarro em muitos **isso, esse, essa**. Que terrível”. Diz, em outro momento, buscar “um estilo econômico, bastante simples e despojado”. Loyola lutou por um *Não verás* enxuto, onde artigos e alguns pronomes, sendo desnecessários segundo seus critérios, deveriam ser eliminados. Vale lembrar que outras obras do autor, cujos processos de construção venho acompanhando, são alvo deste mesmo procedimento.

No texto criticado, observo que a decomposição de verso é uma das características mais fortes e presentes nos poemas de Pedro Lyra. Nos primeiros manuscritos, o poeta não fazia uso desse recurso, porém nas publicações elas estão presentes como uma marca, como pode ser observada no exemplo abaixo:

*“...Quebramos nosso espelho, sem rancores,
pois ainda restava-nos o amor”.*

(Transcrição do primeiro manuscrito,)

*Quebramos nosso espelho, sem ~~rancores~~, ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.*

(Transcrição do segundo manuscrito, agora com a rasura e a substituição da palavra “rancores” pela palavra “ressalvas”.)

*Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda restava-nos o amor.*

(Transcrição da primeira digitação retocada, agora com a decomposição do verso, que caracteriza seus sonetos).

Ainda relativo ao “Soneto de Constatação VI”, percebemos outras emendas que ocorrem com os versos, em vários momentos da construção, quando ele faz alterações em seus versos para em outro retoque retomar a ideia anterior. Como vemos no trecho a seguir:

*Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda resta-nos o amor.*

Nesse trecho da primeira digitação retocada, observamos a expressão “ressalvas”, que na segunda redação retocada será substituída pela expressão “recalques”.

Quebramos nosso espelho
sem ~~ressalvas~~ grandes recalques
pois ainda resta-nos o amor

Na primeira edição publicada, Pedro Lyra retoma a expressão usada na primeira digitação retocada. A ideia persistiu nos pensamentos do autor, por talvez ter sido aquela que melhor expressasse seus pensamentos, tendo feito apenas a alteração no substantivo “Amor” que agora aparece com inicial maiúscula ao final do verso, como a destacar a grandeza do sentimento.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda resta-nos o Amor.

Assim concluímos, conforme afirma SALLES (2001), que a obra é permanentemente mutável. O autor possui a liberdade de movimentar seu texto fazendo as alterações necessárias que expressarem melhor suas ideias.

É neste sentido que discutimos a verdade artística (SALLES, 2001), que surge da própria trama da construção da obra e que, por estar inserida na continuidade do processo, não é absoluta nem final, mas sempre potencialmente mutável. Verdade que emerge da obra, sob o comando do grande projeto do artista.

1.3 Da rasura à virtualização da obra

A crítica genética analisa a obra de um determinado autor, do manuscrito à sua versão definitiva. Através da análise de documentos preservados em museus, bibliotecas ou academias, ou vindos da mão do próprio autor, busca-se elucidar os caminhos trilhados até a conclusão da sua obra.

O material a que se tem acesso é composto de manuscritos, esboços, ou transcrições quando não estão legíveis. Trata-se de uma elaboração crítica de diversos documentos que compõem o processo criativo. O geneticista toma em suas mãos o material e começa a trilhar o caminho que o autor percorreu: suas pegadas, dúvidas, as

substituições de termos, datas, lugares e tudo que compõe uma obra literária. Afinal, parte significativa de uma obra poética começa na rasura, pois jamais um texto literário foi considerado pronto ou publicado na forma em que brotou.

Como críticos, possuímos a faculdade de analisar a obra do autor, fazendo uma apreciação minuciosa. Um dos fatores mais relevantes no trabalho do geneticista é a percepção. É como se passeássemos pela mente do escritor na tentativa de descobrir o que ele está dizendo a si mesmo no momento da criação. O principal papel do geneticista é assumir a sua própria subjetividade e construir hipóteses para a trajetória da obra e do próprio autor.

O pesquisador é um curioso, que viaja profundamente pelos caminhos mais difíceis na tentativa de conhecer profundamente a obra criticada, como afirma CALVINO (1990, p. 91):

Essa reação, talvez, possa ser explicada porque, na verdade, o crítico passa a conviver com o ambiente do fazer artístico, cuja relevância os artistas sempre conheceram e reconheceram, na medida em que sabe que a arte não é só o produto considerado "acabado". Eles parecem ter plena consciência de que a obra consiste na cadeia infinita de agregação de idéias, ou seja, na série infinita de aproximações para atingi-la.

Em sua obra, Ítalo Calvino aborda primorosamente as seis conferências pelas quais determinaria a perenidade de uma obra literária. Que seriam: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Porém Calvino morreu antes de escrever a última conferência. Segundo ele, essas conferências possibilitariam ao leitor vivenciar as várias sensações dentro da leitura feita. O autor faz considerações relevantes sobre os elementos dos quais uma obra deveria ser composta. Pontos como a ferramenta linguística, a precisão da ideia, possibilitariam uma maior cumplicidade da parte do leitor em relação à obra, fazendo com que o leitor vá desfazendo os nós invisíveis, penetrando sutilmente na atmosfera criadora do autor e percorrendo o caminho, juntos.

Já existem escritores que escrevem suas obras nas páginas virtuais, em redes sociais, e dividem com o público leitor a sua criação, possibilitando assim alguns comentários. Porém esse texto já chega ao leitor acabado, pronto, sem gênese. Nesse momento, o escritor tem a medida exata da repercussão da sua obra. É quase instantâneo, ele não precisa esperar sua obra ser publicada e seu público leitor se manifestar de uma maneira mais demorada para saber o impacto da obra escrita. O

olhar crítico do público leitor é relevante, na medida em que ele participa instantaneamente da obra ainda em construção ou já acabada. A opinião do leitor pode funcionar como uma rasura, o que sugere ao escritor uma releitura e, oportunamente, alguma alteração posterior. Porém não consiste em uma análise, já que esta exige tempo e elaboração tão acurada quanto à própria criação do autor.

Diferente do saber científico, que pode ser comprovado, o criador que se compraz em ver sua obra acolhida pelos outros, lida com a imprevisibilidade caso suas obras, mesmo publicadas, não venham receber a aprovação dos leitores, de um público que ele sonha permanente e universal.

IV – Resultados Alcançados

Concluimos que o uso indiscriminado do computador extingiria a tarefa de um pesquisador da gênese literária, já que a possibilidade de “*deletar*” de um texto a rasura feita, impede o acompanhamento do processo e das partes de sua elaboração.

Diante da grande preocupação com o futuro da crítica genética a Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva defende a ideia de que mesmo que não haja na era digital manuscritos, rascunhos, cadernos de notas, a crítica genética sobreviveria porque o verdadeiro objeto de estudo do geneticista é o processo de criação. Considero que não podemos esquecer que nesse processo de criação o manuscrito é o principal objeto, já que representa o “gene”, a origem, o começo. A imagem metafórica do rascunho representa o início, a primeira ideia. A etimologia da palavra “genética” tem como origem o grego “*genno*”, que significa “*fazer nascer*”, o princípio, que para os nossos estudos representaria o nascer de uma obra. A era digital não preserva o rascunho, ela “deleta”, apaga, substitui sem deixar traços do caminho percorrido ou no máximo salva versões impessoais ausentes das marcas do autor.

Este trabalho não apresenta resultados por ser tratar de uma pesquisa em andamento, por isso ainda não concluída.

V - Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Carlos Antônio de – **A cada Leitor seu texto: Dos livros às Redes** (Artigo Acadêmico)

BIASI, Perre Marc. **A crítica genética** In: **BERGEZ**, Daniel. Métodos críticos para a análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997,

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições Americanas**- Ed. Companhia das Letras, 1990

LÉVY, Pierre - **Cibercultura**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1999

LYRA, Pedro. Desafio – **Uma poética do amor**. 3ª.ed. Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2002.

RECUERO, Raquel da Cunha – **Redes Sociais na Internet** (Artigo Acadêmico)

PINO, Claudia Amigo; **ZULAR**, Roberto. *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007

SALLES, Cecília Almeida (2002)– **Crítica Genética e Semiótica – Uma interface possível** In: **ZULAR**, Roberto (Org.) **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: CAPES; FAPESB; Iluminuras. p. 177-201.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética – Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística** – Série Trilhas , EDUC — Editora da PUC-SP, 2008

SALLES, Cecília Almeida; **CARDOSO**, Daniel Ribeiro. "**Crítica genética em expansão**", *Ciências e cultura* v. 59, n.1, São Paulo: SBPC, 2007

SALLES , Cecília Almeida (2009) – **O Processo de Criação de ao Verás País Nenhum** - REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5.

SANTAELLA, L. (1983). *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense.

SANTAELLA, L. (2001). *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. São Paulo: Iluminuras. (p.32)

SILVA, Márcia Ivana de Lima e; Crítica genética na era digital: o processo continua; Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 43-47, out./dez. 2010 (Artigo de periódico)

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; GOMES, Maria Lúcia Moreira – Educação e Ciberespaço. Brasília: Usina das Letras – 2008

LIMA, Sônia Maria Van Dijk. Manuscrito: objeto da crítica genética In: Anais do IX Encontro da ANPOLL, Vol. I. João Pessoa, 1995, pp.137-140 (Artigo de periódico)

WILLEMART, Philippe – Crítica Genética e Psicanálise – São Paulo : Perspectiva; Brasília, DF : CAPES, 2005

WILLEMART, Philippe - A Crítica Genética Hoje - Alea: Estudos Neolatinos, vol. 10, n..1, enero-junio, 2008, pp. 130-139 Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil

ANEXO

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:
primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;
depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropóides;
logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.
Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.
Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

(LYRA, Pedro. Desafio – Uma poética do amor. 3^a.ed.
Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2002.)